Olho Vivo Eduardo Cintra Torres

ect@netcabo.pt

As estruturas invisíveis da televisão

O trabalho de Claude Lévi-Strauss (1908-2009) entre os índios do Brasil nos anos 30 fez do estudo do carácter estrutural da linguagem, das relações sociais e das narrativas um aspecto fulcral do entendimento das coisas humanas: permanências, semelhanças entre ideias e acções aparentemente díspares, a explicação de como as estruturas da sociedade e da ideologia se verificam em todos os grupos sociais, nas tribos do Amazonas como nas cosmopolitas capitais do mundo.

Desde a segunda metade do século XX que o mundo intelectual vê mais longe porque anda aos ombros deste gigante. O seu estruturalismo antropológico e a semiótica de Saussure (que é o estruturalismo da linguagem) tornaram-se duas das mais importantes ferramentas teóricas, não só da antropologia e da sociologia, mas também dos estudos literários e culturais - incluindo os televisivos. O estruturalismo é um instrumento muito útil para a análise de TV, por se ater às regras internas dos significados dos programas. Aplicando-o, críticos e autores tiveram de tornar-se mais rigorosos e exactos na descrição do seu objecto e menos julgadores duma "qualidade" avaliada pelo seu próprio gosto.

Uma análise estruturalista da TV relaciona um elemento (personagem, ideia, acção) com aspectos da cultura em que se inscreve. As oposições binárias, que Lévi-Strauss considerava servirem aos homens para dar sentido ao mundo, são ferramenta proveitosa na análise de tensões nos programas, como as oposições homem-mulher, jovens-adultos, ricos-pobres, indivíduo-sociedade, etc.

A análise baseada no estruturalismo e na semiótica permite ver os conteúdos televisivos não só como "produto das intenções do seu autor", mas também de "regras textuais e de convenções", como se lê num manual de Estudos Televisivos.

Entre os primeiros com uma perspectiva semiótica-estruturalista dos conteúdos mediáticos contam-se Roland Barthes (publicidade, fotografia, literatura), Umberto Eco (Super-Homem, James Bond, TV) e Christian Metz (cinema de Hollywood). Procurando capacidades simbólicas e comunicativas, o estruturalismo ajudou a encontrar conexões entre áreas de estudo separadas nas universidades. Foi o que sucedeu com o estudo da TV. *Media* de encontro de géneros e dos mais diversos factos sociais e culturais, a televisão está sempre disponível em casa como ponto de partida do conhecimento da humanidade - mesmo para quem, como Lévi-Strauss, odeia viagens e exploradores.

Intolerável

O incidente no Clube de Jornalistas (CJ) de 4/11 (RTP2) apresenta-se como uma das mais flagrantes e inaceitáveis pressões e intromissões num conteúdo jornalístico da RTP. Violando o estatuto legal dos conteúdos produzidos pelos parceiros da sociedade civil, o director de Programas da RTP2 revelou ter obrigado uma entidade externa, o CJ, e numa actividade jornalística, a "convidar" um representante da administração da RTP para aquela emissão, acabando por ser ele a integrá-la. Acresce à ingerência a arrogância do director da RTP2, interrompendo o jornalista moderador com a sua argumentação de tipo albanês ou norte-coreano.

Notas adicionais patéticas: o CJ vergou-se vergonhosamente à pressão e à ingerência editorial da RTP; 30 segundos após a interferência, Arons de Carvalho defendeu - no próprio programa - que a RTP tem cada vez menos ingerência editorial e política.

Nuno Teotónio Pereira no documentário de Joana Cunha Ferreira

Docs de stock

Dois portugueses em documentários para guardar: Nuno Teotónio Pereira e Manuel Hermínio Monteiro (RTP2, Outubro). O arquitecto nascido em 1922 depôs sobre o seu trabalho de décadas com enorme simplicidade, e esse carácter pessoal transmitiu-se ao filme de Joana Cunha Ferreira, organizado cronologicamente, mostrando fotografias do autor, do seu círculo e das obras que assinou. O documentário é escorreito, ilustrativo, contextualiza Teotónio Pereira entre a família do regime e a oposição e dá pistas para o entendimento da inovação e modernidade da sua arquitectura.

Contudo, deixou-me a pensar no que devem ser hoje este tipo de documentários. Senti falta de elementos mais especializados na matéria, pois o tom generalista já não se coaduna com uma sociedade de informação em que muito do que foi mostrado está acessível por outros meios. Das duas uma: ou estes documentários se encaram como parte de um todo (o conceito de DVD com extras especializados), ou esses elementos devem ser incorporados no próprio corpo do documentário.

No caso do documentário sobre Manuel Hermínio Monteiro (1952-2001), o editor livreiro mais consistente da segunda metade do século XX, o realizador André Godinho incluiu esses elementos ao longo do filme, como quem não quer a coisa, sem deixar de construir um retrato a partir de depoimentos dos mais próximos e de filmes caseiros de viagens. Esses vídeos amadores do editor foram sendo incorporados no dispositivo visual do documentário, como se Hermínio tivesse voltado agora para participar na gravação e edição do filme que lhe é dedicado.

A irrelevância da rádio

Quando António Sérgio (1950-2009) começou a sua aventura radiofónica, foi tarde para mim porque eu já tinha substituído o rock e a pop do tempo pela música clássica, jazz e pop-jazz. Contudo, sempre reconheci nele um dos grandes profissionais do *media* radiofónico. Ele apresentava o novo; estudava e preparava o conteúdo dos seus programas; e tinha uma forma própria e adequada de o apresentar. Nessa unidade apuradíssima de conteúdo e forma, ninguém batia António Sérgio.

E, no entanto, a alta qualidade dos seus programas tornou-se anacrónica. O uso social e cultural da rádio mudou radicalmente nas últimas décadas. A audição de rádio perdeu a relevância quanto aos conteúdos. Tornou-se uma ocupação do silêncio, uma anestesia aural. Não se ouvem programas, ocupam-se os ouvidos, no carro, no café. As rádios generalistas anularam os programas de "autor": não há público; poucos se dispõem a ligar o aparelho a uma hora certa para ouvir certo programa, mesmo no género preferido. Bob Dylan tem feito nos últimos anos um programa *a contrario*, como se fosse de antigamente, ao jeito de documento do que a rádio era quando tinha autonomia. Mas é um mundo que perdemos: os programas de Dylan ouvem-se em CD ou MP3.

Os programas de autor da segunda metade do século XX criavam um ambiente alternativo ao ouvinte, um mundo à parte, como a literatura ou o teatro. A rádio distinguia-se por programas diversificados, com personalidades vincadas em função dos seus autores, géneros, narrativas, estilos. Hoje a rádio generalista quase só pretende ser o ambiente "natural", ocupando todo o tempo com as mesmas canções impostas pelas editoras e pessoas a *blablar* como na TV, no emprego e na rua. O som da rádio parece o ruído de fundo dos hipermercados. Passámos do mundo do Som da Frente, de António Sérgio, para um zumbido, um fluxo indistinto, sem passado nem futuro.

António Sérgio subiu ao topo da realização radiofónica nas emissoras nacionais, que depois o afastaram; terminou, com a mesma qualidade, numa rádio local. Diz-se que até hoje nenhum *media* morreu por aparecer outro, mas pergunto a mim mesmo que tipo de vida tem a rádio, se a nada aspirar senão à sua própria irrelevância.